

Uma inspeção sobre a Literatura Comparada e Literatura Mundial: desafios e possibilidades

Noah de Aguiar Pinho¹

Altamir Botoso²

Resumo

A proposta deste artigo é analisar a interseção entre a Literatura Comparada e a Literatura Mundial, considerando os conceitos de alteridade e globalização, a fim de promover reflexões sobre as diferentes interpretações do conceito de Weltliteratur, inicialmente concebido por Goethe, com seu caráter utópico e humanístico, e sua transição para o conceito contemporâneo de mundialização, que possui potencialidades decoloniais. Questões associadas à hierarquização, mobilidade, tradução, binarismo, imperialismo, desejo de poder, capitalismo, continuidade e descontinuidade, são abordadas visando fornecer uma perspectiva crítica atualizada sobre a Literatura Mundial sob o impacto de um mundo cada vez mais globalizado, que pende entre pináculos deformados e expansivos na interação com o Outro, ora concorrente, ora alterno.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Literatura Mundial. Globalização

Data de submissão: Agosto. 2023 – Data de aceite: Dezembro. 2023

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i1.15089>

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atualmente é professor de Língua Inglesa pelo Centro Brasileiro de Cursos (CEBRAC). <https://orcid.org/0000-0003-3859-7714> E-mail: noahdeaguiarpinho@gmail.com

² Doutor em Letras, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis-SP. Atualmente, é docente do Mestrado em Letras e do Curso de Letras/Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Campus de Campo Grande-MS. Graduiu-se em Letras/Português/Inglês/Espanhol/Francês/Italiano e suas respectivas literaturas pela Unesp. Atua na área de literatura e língua espanhola, com ênfase em romance picaresco, malandro e histórico. <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351> E-mail: abotoso@uol.com.br

Introdução

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise abrangente da Literatura Comparada e da Literatura mundial, desde os seus primórdios até a contemporaneidade, levando em consideração a evolução dicotômica dessas áreas em direção a uma manifestação mais integral. Para tanto, será feita uma breve introdução histórica da Literatura Comparada, evidenciando os debates e teorias que têm moldado o entendimento das conexões literárias entre diferentes culturas e nações.

Nesse contexto, serão abordadas questões cruciais com o objetivo de verificar como essas áreas se relacionaram para fundir uma união mais harmoniosa, superando as implicações excludentes provenientes do poder eurocêntrico. Serão explorados conceitos como binarismos, orientalismo, positivismo, *Weltliteratur*, alteridade, estudo da tradução, indústria e mercado, poder disciplinar, entre outros, a fim de compreender as diferentes formas com que o Alheio é tratado, seja suspendendo ou promovendo o processo de mundialização na Literatura Comparada.

Este artigo investigará como a Literatura Comparada e a Literatura Mundial progrediram ao longo do tempo, conforme o desejo de poder e a concepção da alteridade foram se modificando, seja através do pensamento decolonial ou da consolidação do capitalismo nas esferas globalizadas, o objetivo é alcançar uma compreensão entre as áreas por meio da reflexão simbólica que as orienta.

Como embasamento teórico, são utilizados os textos críticos de Gnisci (2010), Byung Chul Han (2015), Junior Azekha (2006), Merleau-Ponty (1945), Nitrini (2000), Schmidt (2007), Simmel (1975), dentre outros. Para abordar o proposto, este artigo será dividido em dois tópicos: "Uma breve incursão histórica da Literatura Comparada" e "Literatura Comparada e Mundialização: interações transculturais".

1 Uma breve incursão historiográfica da Literatura Comparada

Durante muito tempo, o desenvolvimento histórico-cultural da Literatura Comparada se engrenou em busca de uma limitação teórica que visasse defini-la peremptoriamente. Em seu nascedouro, a disciplina estava intimamente atrelada à política, uma vez que sua época era regida pela busca da identidade nacional devido à formação das nações (Nitrini, 2000).

O surgimento da disciplina coincidiu também com o auge do positivismo, uma corrente filosófica que prioriza o empirismo e a racionalidade enquanto rejeita elementos subjetivos, conjecturando em desafios para a Literatura Comparada se reafirmar como uma autêntica área de pesquisa, deixando sua posição em um estado incerto, com um

“objetivo escorregadio” que não se alinhava na premissa rígida do positivismo. Dessa forma, a Literatura Comparada era amplamente invocada como um recurso de fortalecimento identitário pelas nações em vez de uma disciplina por si só.

Em decorrência disso, o advento da Literatura Comparada foi marcado pelo uso de binarismos, denotando um pensamento inflexível e repleto de insipiência ao justificar a apuração literária e cultural por meio de uma abordagem objetiva, limitando uma autêntica interconexão entre as obras. Ademais, a sobreposição sistemática do Ocidente sobre o Oriente, estabelecia as comparações sob o prisma dicotômico entre civilização *versus* barbárie, centro *versus* periferia, caracterizando, assim, uma relação comparativista hierárquica. Um dos principais representantes desse enfoque bifurcado foi o comparatista francês, Paul Van Tieghem, que utilizava abordagens que confrontavam obra *versus* obra, obra *versus* autor e autor *versus* autor em suas análises. Essa abordagem reforçava a ideia de uma hierarquia nas comparações, contribuindo para a visão de superioridade dos povos considerados civilizados sobre os "bárbaros".

Silviano Santiago (2000) afirma que os povos “civilizados”, europeus em sua origem, se consideravam superiores devido a um pensamento dominador enraizado no colonialismo. Essa visão os levava a acreditar na obrigação de ensinar aqueles considerados mais selvagens e que não compartilhavam do mesmo nível de desenvolvimento civilizatório, sendo, portanto, inferiores, no qual a exterminação das características consideradas bárbaras era única regra válida para se alcançar a civilização.

Nesse sentido, a apropriação dos modelos da metrópole não apenas ridiculariza os latino-americanos, mas todos aqueles que não fazem parte da esfera europeia de influência. Essa apropriação reduz a criação artística desses povos a uma posição periférica e parasitária, no qual a metrópole é vista como uma fonte inatingível, com um magnetismo incomparável, enquanto suas influências são consideradas meros súditos. Dessa forma, a relação entre civilização e barbárie, centro e periferia, perpetua o colonialismo cultural e impedia a mundialização em sua expansão máxima.

Por outro lado, Edward Said (2007) aborda a teoria do Orientalismo, em que o Oriente não é apenas uma denominação geográfica, mas uma construção cultural do Ocidente para justificar sua superioridade, haja vista que o Oriente é qualificado como periférico e exótico, devendo ser homogeneizado e essencializado pelo Ocidente sob preceitos paternalistas a fim de se apropriar da dominação política e cultural, estabelecendo, assim, o conceito de centro e periferia.

A Literatura Comparada “primitiva” lançava-se, pois, ao lume sob o regimento duro do positivismo e prepotência identitária, dando mais vazão ao micro, das ordeiras formas metodológicas, do que o macro, sob o véu alterno que cobre o Outro. Assim, o binarismo se fundamentava, consciente ou não, na premissa semelhante àquela expressada por

Weber (2022), segundo a qual a busca pelo poder está intrinsecamente ligada à habilidade de exercer influência e impor a própria vontade sobre os demais – premissa questionada posteriormente com o advento dos Estudos Culturais, que refuta o asujeitamento binário e oxigena substancialmente a relação com o Outro.

Por outro lado, Henry H. H. Remak, na extensa historiografia da disciplina, conferiu outra visada à Literatura Comparada, indo além do binarismo de Tieghem e aproximando-a de outras áreas do conhecimento, menos rudimentar e mais similar aos tempos hodiernos, que visa outras permutas de linguagem. Remak expandiu o escopo da disciplina ao reconhecer que seu estudo não poderia ser limitado a uma análise estritamente literária, estimulando uma integração com outras áreas do saber humano, como filosofia, história, antropologia e sociologia, buscando compreender a literatura em um contexto cultural mais amplo, atenuando a severidade binarista.

Um dos pontos máximos de desenvolvimento da Literatura Comparada expandiu-se por meio da mundialização – pilar central deste artigo – preconizada por Goethe, com o conceito de *Weltliteratur*, ao perceber como as transformações socioeconômicas, tecnológicas e de transportes se associavam à nova escala global, marcando o prelúdio da diversidade cultural sob a “[...] concepção da literatura como uma totalidade, dinâmica e interativa” (Carvalhal, 2003, p. 71). Logo, *Weltliteratur* “[...] é um conceito que abrange toda a humanidade, algo que vai além das *fronteiras nacionais*” (Heise, 2007, p. 37, grifos do autor).

Essa visão contrasta com a paixão pela fronteira nacional, que promove a marginalização ao considerar o Alheio como uma estranha afronta diante de sua inquestionável superioridade cultural – pressuposto que a mundialização contempla como oportunidade de expansão cultural ao considerar o pensamento além da fronteira como retorno à própria humanidade, já que a travessia das fronteiras nacionais em si, é um processo de alteridade coletiva, que liga as culturas por meio de uma permuta assimétrica e transformativa ao enxergar que o “Outrem, como outrem, não é somente um *alter-ego*. Ele é o que eu não sou” (Lévinas, 1988, p. 113, grifos do autor).

Se, anteriormente, a Literatura Comparada buscava estabelecer uma definição para o seu objeto, uma vez que a ausência de uma identidade discernível dificultava sua afirmação como um campo de estudo, hoje ela é aceita e veiculada como um “não-lugar”, considerando o *traço de mobilidade* como atuante categórico em sua natureza.

Segundo Coutinho (2003), a Literatura Comparada atua sem exclusividade em seu trabalho, mas com multiplicidades que tanto a crítica quanto a teoria proporcionam. Pode-se pensar, portanto, que ela atua de maneira migrante, atravessando fronteiras e explorando os recursos disponíveis sem o peso de nenhuma fixação.

A análise da mundialização em seu primórdio até o contemporâneo, sob o prisma

da alteridade, que norteia a elaboração deste artigo, contribuirá para enriquecer a compreensão sobre Literatura Comparada, além de oferecer *insights* que promovam a troca e a desterritorialização entre as culturas.

2 Literatura Comparada e Mundialização: interações transculturais

A mundialização é um conceito que visa à interconectividade heterogênea entre diferentes culturas devido ao acesso à informação e conhecimento crescentes. No contexto da literatura, a relação entre mundialização e Literatura Comparada é amplamente influente, haja vista que a comparação aproxima as trocas interculturais na comunicação planetária, içando, assim, o logro da alteridade coletiva, presente nos dois conceitos (Lobo, 1989 *apud* Heise, 2007). Analogamente à referida equivalência, Bhabha (1998, p. 33, grifos do autor) comenta que “O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se *reconhecem* através de suas projeções de ‘alteridade’”.

Corroborando-se, em vista disso, que a literatura mundial é um canal humanizado de respeito e transformação entre as culturas, uma vez que “reconhecer” denota a identificação existencial e autêntica do Outro sendo o Outro e não uma extensão de “mim”, atribuindo a ele méritos por sua assimetria metaformosa, dada pela alteridade. Paralelamente, Merleau-Ponty (1945, p. 81), em tradução livre, comenta como alteridade, chamada por ele de intersubjetividade, atua na relação dialógica de complementação:

Na experiência do diálogo, constitui-se entre mim e o outro um terreno comum, meu pensamento e o dele formam um só tecido, e nossas falas são invocadas pela interlocução, inserindo-se numa operação comum da qual nenhum de nós é o criador. Há um entre-os-dois, eu e o outro somos colaboradores, numa reciprocidade perfeita coexistindo no mesmo mundo. No diálogo fico liberado de mim mesmo, os pensamentos de outrem são dele mesmo, não sou eu quem os formo, embora eu os aprenda tão logo nasçam e mesmo me antecipo a eles, assim como as abjeções de outrem arrancam de mim pensamentos que eu não sabia possuir, de tal modo que, se lhe empresto pensamentos, em troca ele me faz pensar.

Ao observar que a Literatura Comparada é análoga à mundialização em ação e que a mundialização não pode ocorrer sem alteridade, percebe-se que a alteridade atua como recurso fundamental e compassivo para ambas áreas, agindo por meio de uma abordagem ética e, por conseguinte, “elevada”, prevenindo, assim, a instrumentação, dominação e objetificação do Outro, tornando, assim, as relações mais frutíferas no contexto de mundialização.

Nesse sentido, nos aproximamos ao conceito goethiano sobre *Weltliteratur*, no qual ele registra que “[...] aqueles que se dedicaram ao mais *elevado* e aquilo que é mais *frutífero* vão se conhecer mais depressa e de maneira mais próxima” (Goethe, 1977, p. 914-15, grifos do autor).

Goethe supunha que a poesia não se restringia apenas a um gênero literário, “técnico” e catalogador, mas sim a uma abordagem humanística que auxiliasse na totalidade do ser (consigo e com o Outro). Logo, a poesia goethiana era um *ethos* de caráter transcendental, de modo que fosse um recurso para se chegar à consciência humana além dos limites utilitários e geográficos, superando, conseqüentemente, a atividade intelectual.

Dentro desse contexto de mundialização, o poeta também apresentava interesse nos Estudos da Tradução no contexto da mundialização, explorando as formas que a tradução atuava ao *comparar* diferentes sistemas linguísticos e literários das nações, reconhecendo, assim, a importância desses estudos na revisão de identidade nacional e na compreensão mais íntegra de um texto original (Junior Azekha, 2006).

Através dessa compreensão, Goethe percebeu que a tradução não se limitava apenas à transposição de palavras de uma língua para outra, mas também na transmissão de nuances culturais, estilos literários e elementos contextuais presentes nas obras originais por meio da sensibilidade às peculiaridades de cada língua e cultura ao transmitir um significado. Adicionalmente, por meio da tradução, ele percebeu a importância da descoberta de novos autores e obras literárias, proporcionando uma visão mais ampla da diversidade literária mundial para a mitigar a paixão nacional.

Goethe valorizava, portanto, a construção efetiva da identidade na dinâmica das diferenças e aos desconfortos que ela trazia, o que levantava as premissas iniciais da alteridade para a tradução e a mundialização sobre a alcunha de *Bildung*:

No Goethe de Wilhelm Meister e nos românticos de Iena, *Bildung* se caracteriza como uma viagem, *Reise*, cuja essência é lançar o “mesmo” num movimento que o torna “outro”. A “grande viagem” de *Bildung* é a experiência da alteridade. Para tornar-se o que é o viajante experimenta aquilo que ele não é, pelo menos, aparentemente. Pois está subentendido que, no final desse processo, ele reencontra a si mesmo. (Berman, 1983, p. 147).

A viagem da *Bildung* não é apenas um processo de assimilação acrítica e passiva, senão de confrontação com o diferente assimétrico que proporciona descobertas no “eu” mais autêntico. A mundialização, representando a “grande viagem”, serve como uma rota em direção ao Si-mesmo na busca pelo Outro a fim de retornar a si modificado pelo encontro, lançando ao lume a importância do deslocamento no espaço de transformação que contorna e aprimora os envolvidos em uma interação. Neste sentido, o Alheio é visto como um meio de aprimoramento devido à sua qualidade heterogênea (Junior Azekha, 2006, p. 51).

Dessa forma, Goethe avistava a tradução como, nas palavras de Martineschein (2016, p. 89), “[...] indispensável para o intercâmbio de ideias e de textos numa sociedade global”.

Em *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida*, Eckermann (2016),

secretário pessoal e amigo de Goethe, reuniu vários diálogos do pensador que ratificam sua visão da poesia como “patrimônio comum da humanidade” que não pertencia unicamente a nenhuma nação e temporalidade, senão de todos os povos para “cantar” a cultura sob um caráter espiritual ao invés do apego nacional refletido diante da “ignorância pedante” nacionalista.

A relação de “canto coletivo” diante da personificação literária busca se entrelaçar com uma cultura estrangeira a fim de se suscitar a entrega mútua e não exclusivamente o recebimento, que pode ser passivo e tendente à hierarquização, abrindo possibilidades para a vivência e a convivência com o Outro (Heise, 2000).

A visão utópica e humanística que Goethe propôs, por meio de *Weltliteratur*, foi importante para a Literatura Comparada de sua época se maximizar sob o prisma da alteridade, já que a disciplina se debruçava inicialmente por feitos excludentes. No entanto, a visão goethiana também possuía outras elucidações que devem ser consideradas, já que ela se abriu para a existência a partir de um espírito época europeu.

Segundo Figueiredo (2011, p. 7), “Goethe é a própria simbolização da cultura ou civilização europeias. Ao não querer ser apenas alemão Goethe, através de suas obras, logrou que toda a Europa se fizesse profundamente alemã”. Neste sentido, percebe-se que a influência goethiana transcendeu efetivamente as fronteiras nacionais, mas, por outro lado, pode ter promovido a mundialização de forma continental, reforçando a hierarquização.

Diante das várias facetas que *Weltliteratur* comporta, duas delas são insígnias além daquela humanística: (1) relatar a história sob a perspectiva global (ou europeia); e (2) designar livros clássicos (Souza, 2015). Torna-se, pois, imprescindível, Segundo Carvalho (2003, p. 32), “[...] acionar a releitura das mudanças introduzidas nos diferentes aspectos que a noção envolve”, e revisar o conceito sobre todos os prismas sem desconsiderar a sua importância para a mundialização.

Para Gnisci (2010), *Weltliteratur* recebe outra revisão na contemporaneidade. Segundo o crítico literário, a literatura mundial foi alcançada diante de uma característica ligeiramente laica, dada pela indústria e mercado, que representa outra perspectiva para o referido termo:

A atual cultura literária mundial não é mais um sonho, conforme foi anunciada nos escritos de Goethe, mas uma indústria e um mercado, como Marx e Engels preconizaram. Nela a mundialização se completou, e, talvez, sem mais esperanças confiáveis e ideologias incômodas, lançou-se a um futuro aberto, que podemos chamar de “laico”, ainda que de modo imperfeito. (Gnisci, 2010, p. 19).

A perspectiva apresentada por Gnisci iça tópicos relevantes sobre a cultura literária mundial vigente: ao associar a mundialização a uma dinâmica “imperfeita” através da

influência da indústria e do mercado, a literatura corre o risco de ser minada, em um campo frágil, por considerações comerciais e demandas mercadológicas, levando ao comprometimento de sua diversidade e autenticidade, que restringe a variedade de vozes e perspectivas. Logo, o crítico enxergava o cenário contemporâneo diante de “uma face deformada da mundialização” (Gnisci, 2010, p. 25). Em relação a este aspecto, ele acreditava que a Literatura Mundial só conquistaria um espaço autenticamente “espiritual” por meio da descolonização da mente europeia, pós-burguesa e extra-europeia (que é uma face nova para a alteridade, mais realista do que aquela proposta por Goethe) via a crítica do desejo de potência eurocêntrica, surgida durante a formação dos estados nacionais no período de circum-navegação, iniciada por Fernão de Magalhães.

Portanto, se antes as nações competiam entre si a fim de se reafirmarem por meio do desejo de potência eurocêntrico, com o advento do capitalismo as pessoas competem entre si a fim de atenderem às ambições e cobranças impostas, que resultam em um adoecimento social e na própria desumanidade consigo e com o Outro (Han, 2015). Neste sentido, o poder oriundo do desejo de potência é distribuído do microeconômico (empresários e trabalhadores) ao macroeconômico (sistema econômico), no qual os indivíduos se renovam constantemente para a competição corporativa.

Logo, as empresas transnacionais se disputam no mercado mundial, gerando atritos permanentes, típicas do capitalismo, como observado por Amin (2005). Essa dinâmica concebe uma relação de dependência e hierarquia que distorce o processo de mundialização, uma vez que os indivíduos são constantemente impulsionados a competir com a cultura do Outro, deteriorando a oportunidade de reconhecê-lo em Si.

Tal competição ocorre devido ao ajuste do “imperialismo” no contemporâneo, que se dá de forma *descontinuada* de novos produtos e na reinvenção profissional – a discussão sobre a mundialização da literatura pode ser também vista a partir da análise da ideia de continuidade e descontinuidade estabelecida diante a revolução científica, no qual a descontinuidade representa mudanças abruptas de padrões pré-estabelecidos de enxergar o mundo por meio de novos fenômenos (Cohen, 2002).

A partir do advento do positivismo, a ciência experimentou um marco de ruptura que, por sua vez, permitiu o surgimento de outras descontinuidades em ritmo acelerado, impulsionadas pelos avanços tecnológicos. No entanto, a referida descontinuidade não se restringe somente ao campo científico, mas também a outras esferas do saber, incluindo o campo social e artístico, no qual a literatura comparada se manifesta.

A partir da descontinuidade que conduz às novas atrações mercadológicas, surge o risco de incrementar a atitude *blasê*, cada vez mais comum na sociedade globalizada, resultando em apatia em relação às experiências e ao Outro devido à exposição excessiva de informações, prejudicando a conexão entre indivíduos e grupos para a circulação

genuína das culturas. Segundo Georg Simmel (1979, p. 15-6),

Não há fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quando a atitude blasê. [...] Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa blasê porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir. [...] Surge assim a incapacidade de reagir a novas sensações com energia apropriada.

O desejo descontínuo decorrente do capitalismo, com sua alta velocidade e “renovação” na interação com o Outro, transforma-o e deforma-o, concomitantemente, na contemporaneidade. Enquanto o pensamento decolonial possibilita uma relação mais autêntica com o Outro através da alteridade e do plano “espiritual” diante fronteiras abertas pela globalização, o sistema econômico tende a banaliza-lo na forma de produto na disputa mercadológica, configurando, assim, uma mundialização ambivalente, na qual coexistem tanto a possibilidade de maior compreensão cultural, quanto de mercantilização, uso, descarte e competição entre as nações.

A referida ambivalência é também discutida por Schmidt (2007), que elenca a miséria, os jogos de poder, as violências e as exclusões como herdeiras do capitalismo que unem o mundo por meio do capital na constante circulação e consumo, guiadas pelo desejo de potência, intitulado de vontade-poder por ela. Por outro lado, a pesquisadora argumenta que a virtude da globalização implica na multiplicação das

[...] vozes de dissenso em discursos teórico-críticos produzidos no âmbito dos estudos subalternos, estudos de minorias e estudos pós-coloniais os quais, sob o imperativo de rechaçar o binarismo histórico que norteou os estudos literários tradicionais, introduzem novos paradigmas de análise por meio de categorias como gênero, raça, classe, etnia, nacionalidade, orientação sexual, entre outros. (Schmidt, 2007, p. 20).

Os discursos teóricos-críticos desafiam o paradigma binário que norteou por muito tempo os estudos comparativistas tradicionais ao propor perspectivas de gênero, raça, classe, etnia, nacionalidade e orientação sexual como implementos cruciais para compreender a literatura e a cultura de forma mais abrangente e inclusiva. Essa abordagem, interseccional e de caráter decolonial, outorga a análise de como diferentes categorias se intersectam as experiências individuais e coletivas de grupos marginalizados.

Nesse cenário contemporâneo, destacam-se alguns teóricos-críticos que têm contribuído significativamente para uma abordagem mais humanizada. Judith Butler, a modo de exemplo, é conhecida pelo estudo de gênero e Teoria *Queer*, colocando em cheque as concepções anacrônicas da opressão. Segundo a pesquisadora:

Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as

permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. Assimilar a definição de gênero à sua expressão normativa é reconsolidar inadvertidamente o poder da norma em delimitar a definição de gênero. Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. (Butler, 2014, p. 253).

Nesse contexto, a adesão inerte ao binarismo em relação às noções de gênero equivale à concessão tacitamente à normatividade que solidifica e legitima um paradigma limitante.

Doutro modo, Édouard Glissant é cultuado como outro nome de destaque com sua “poética da relação” e o processo de criouliização, no qual procura valorizar a heterogeneidade das culturas:

Enquanto não tivermos aceitado a ideia – não apenas através do conceito, mas graças ao imaginário das humanidades – de que a totalidade-mundo é um rizoma no qual todos têm necessidade de todos, é evidente que haverá culturas que estarão ameaçadas. Não será nem através da força, nem através do conceito que protegeremos essas culturas, mas através do imaginário da totalidade-mundo, isto é, através da necessidade vivida do seguinte fato: todas as culturas têm necessidade de todas as culturas. (Glissant, 2005, p. 156).

A análise do excerto em foco evidencia a contraposição de Glissant frente à uniformidade, frequentemente dissimulada pela supremacia europeia. Dessa forma, a alteridade surge como protagonista na “totalidade-mundo”, subvertendo a linearidade genealógica tão arraigada no discurso ocidental, que historicamente tem provocado divisões entre as nações.

Para Schmidt (2007), o trânsito interdisciplinar verificado entre as culturas presentemente permitiu unir saberes antes considerados isolados por rigores inflexíveis e que os saberes comparativistas devem atuar não só como uma disciplina, senão como uma projeto ético-político-pedagógico na luta contra a barbárie globalização na consciência do Outro, elevando e o comprometimento da diversidade para a produção de subjetividades.

À luz disso, a comparação em tangenciamento com o comportamento ético-político-pedagógico atrela a disciplina à alteridade, muito diferente daquela surgida no início da Literatura Comparada, dando responsabilidade e engajamento social por meio de atitudes elencando pontes não só com o alcance da voz e de outros poderes simbólicos, mas com a mobilidade de mãos e pés para lograr o fortalecimento inter-humano na *ação concreta*.

A Literatura Comparada e a Literatura Mundial compartilham o interesse, sob a influência da alteridade, de considerar as literaturas como comunidades que se opõem à propagação de “identidades fixas”, as quais eram fundamentadas na fortificação nacional, linguística e cultural (Ouellet, 2007).

A Literatura Comparada em foco suscita, na contemporaneidade, experiências

humanistas e interdisciplinares em congressos, associações, programas de pós-graduação e seminários abrindo novos caminhos, nos quais o verbo comparar é utilizado na desconstrução de posições universalistas e limitações de ordem nacionalista, reatualizando, assim, o significado de comparação, a fim de elevar a “[...] a conjunção heteróclita de vários olhares, voltados simultaneamente para o dentro e o fora do lar e da rua, da montanha, da planície, do mar e do além-mar traduz essa mirada cultural estrábica” (Souza, 1994, p. 24).

A partir do olhar estrábico, nas palavras de Ricardo Piglia (1991), vislumbra-se as possibilidades mundialistas, que são alcançadas no abalroamento de outros olhares, cujo cruzamento pleiteia a transformação, dismantelando, paulatinamente, por poder “espiritual” e de consciência, a visão linear carregada de ignorância e segregação, que hoje atua reformulando o desejo de potência por meio da disciplina.

Segundo Foucault, a disciplina é uma maneira de fazer as pessoas se adequarem a uma determinada norma. Hoje, devido ao desejo de potência ser distribuído do microeconômico ao macroeconômico na busca pela homogeneização, a disciplina atua de maneira sutil, colocando em pauta o exercício do poder através de técnicas reguladoras, delimitando a liberdade na comunicação e troca aberta. Segundo o pensador,

[...] O poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”: ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas [...]. (Foucault, 2005, p. 143).

O olhar estrábico possibilita enxergar além dessa visão disciplinadora, questionando suas limitações e o caráter opressor que se pode assumir. Ao abalroar outros olhares, ocorre um cruzamento de perspectivas que desafia a visão linear e unidimensional imposta pela disciplina, surgindo a oportunidade de reconhecer a diversidade de experiências, saberes e formas de vida, que antes eram reprimidas ou marginalizadas pelo poder disciplinar. Esse olhar crítico potencializa a mundialização, permitindo que diferentes vozes e expressões culturais sejam valorizadas e promovendo uma visão mais inclusiva e plural da sociedade.

Considerações finais

Ao analisar a trajetória histórica e conceitual da Literatura Comparada em relação à mundialização, é possível identificar as transformações e desafios que essa disciplina enfrentou ao longo do tempo. Inicialmente, a Literatura Comparada surgiu em um contexto marcado pelo nacionalismo e positivismo, o que a limitou a um papel de fortalecimento das identidades nacionais e resumindo as comparações literárias aos binarismos e

hierarquias que refletiam uma visão eurocêntrica e colonialista, reforçando a ideia de superioridade das culturas consideradas “civilizadas” sobre as consideradas “bárbaras”.

Marcada pelas relações de poder, observa-se que ela adquiriu um escopo humanizado ao se integrar à interdisciplinaridade e ao reconhecimento como promotora de diálogos interculturais, levando-a a um posicionamento mais crítico sobre as relações de poder. Em parte, a grande relevância de sua transição se deu pela noção de *Weltliteratur*, apresentada por Goethe, ao considerar a poesia como um “patrimônio comum da humanidade” e incentivar a tradução e a circulação de obras, propondo, assim, uma visão mais aberta e humanística da literatura, capaz de transcender as fronteiras nacionais e promover o diálogo e o reconhecimento mútuo entre as culturas, mesmo que, inicialmente, tivesse perspectivas eurocêntricas.

Nesse sentido, é importante reconhecer, com certa satisfação, como o termo de *Weltliteratur* nos toca no século XXI, revelando uma faceta prática da mundialização, que, mesmo incompleta e ambivalente, nos acaricia por sua existência.

Adentramos em uma nova fase para a mundialização, no qual suas debilidades são identificadas e içadas dentro de nosso próprio espírito de época. Torna-se, pois, crucial elevar esta consciência e promover a “luz entre as coisas” (Gnisci, 2010), impulsionada pela nova descontinuidade: aquela que atenua o desejo de potência europeu e redireciona sua energia para as esferas da mobilidade e do livre pensamento, sem inquisidores, paternalistas, colonizadores e soberanos da vida e da morte.

É necessário, portanto, valorizar esse traço de mobilidade como uma oportunidade de obter uma vida adicional àquela que a terra nos proporciona: uma vida enriquecida pela humanidade e pelas vozes além das nossas próprias. Se existe um sentimento que a paixão deve despertar em nossa consciência coletiva, não é mais a luta obstinada pela conquista do mundo, mas sim a busca pela harmonia equitativa das estações humanas, que ora se aquecem sob a luz do verão ao se expressar na liberdade solar, ora se recolhem ao frio da introspecção para colher a prudência, complementando-se em sua integridade, não apenas pelo verão ou pelo inverno, senão pela diversidade que completa sua bela complexidade.

Em última análise, este artigo visa relembrar o poder da alteridade, não apenas para a literatura comparada e a literatura mundial, mas para o corpo social abrangente, pois reconhecer que cada indivíduo é um coabitante essencial de nossa própria existência é reconhecê-lo além de uma ilha, já que não se vive isolado em si mesmo – como dizia Donne (2012) – onde a morte de qualquer indivíduo diminui uma parte do Si, representante do gênero humano.

An inspection on Comparative Literature and World Literature: challenges and possibilities

Abstract

The purpose of this article is to analyze the intersection between Comparative Literature and World Literature, considering the concepts of otherness and globalization, in order to promote reflections on the different interpretations of the concept of Weltliteratur, initially conceived by Goethe, with its utopian and humanistic character, and its transition to the contemporary concept of globalization, which has decolonial potentialities. Issues associated with hierarchization, mobility, translation, binarism, imperialism, desire for power, capitalism, continuity, and discontinuity are addressed, aiming to provide an updated critical perspective on World Literature under the impact of an increasingly globalized world, which oscillates between deformed and expansive pinnacles in its interaction with the Other, sometimes a competitor, sometimes an alternate.

Keywords: Comparative Literature. World Literature. Globalization

Referências

- AMIN, Samir. O imperialismo, passado e presente. **Tempo**, Niterói, v. 9, n. 18, p. 77-123, 2005.
- BERMAN, Antoine. **Le temps de la réflexion**, Paris: Gillimard, 1983.
- BHABHA, Homi Kharshedji. **O local da cultura**. São Paulo: Humanitas, 1998.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 42, p. 249-74, 2014.
- CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2003.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. **Literatura Comparada na América latina: ensaios**. Rio janeiro: UERJ, 2003.
- COHEN, Ierome Bernard. **Revolución en la ciencia**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- DONNE, John. **Meditações**. São Paulo: Landmark, 2012.
- ECKERMAN, Johann Peter. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida**. São Paulo: UNESP, 2016.
- FIGUEIREDO, Joana Bosak. Weltliteratur & tradução. **Translatio**, Porto Alegre, n. 1, p. 3-11, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: UFRJ, 2005.
- GNISCI, Armando. A literatura mundial como futuro da literatura comparada. **E-escrita**, Nilópolis, v. 1, n. 2, p. 17-33, 2010.

- GOETHE, J. W. **Schriften zur Literatur**. München: Artemis, 1977.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- HEISE, Eloá. Weltliteratur, um conceito transcultural. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, [S.l.], v. 9, n. 11, p. 35-57, 2007.
- HEISE, Eloá. Goethe, um teórico da transnacionalidade. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, [S.l.], v. 5, n. 5, p. 77-84, 2000.
- JUNIOR AZEKHA, João. Goethe e a tradução: a construção da identidade na dinâmica da diferença. **Literatura e Sociedade**, [S.l.], v. 11, n. 9, p. 44-59, 2006.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Campinas: Papirus, 1998.
- MARTINESCHEIN, Daniel. **O lugar da tradução no west-östlicher divan de Goethe**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.
- NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- OUELLET, Pierre. Le principe de l'altérité. In: OUELLET, P.; HAREL, S. (Orgs.) **Quel autre? L'altérité em question**. Montreal: VLB, 2007.
- PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2., 1991, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991. p. 60-66. v. 1.
- SAID, Edward Wadie. **O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de bolso, 2007.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma leitura nos trópicos**: ensaio sobre dependência cultural. 2. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000
- SCHMIDT, Rita Terezinha. A literatura comparada nesse admirável mundo novo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, [S.l.], v. 9, n. 11, p. 11-33, 2007.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 11-25
- SOUZA, Daniel Mooutinho. Weltliteratur e nacionalismos na história da literatura comparada. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 1-16, 2015.
- SOUZA, Eneida Maria. Literatura Comparada, o espaço nômade do saber. **Associação Brasileira de Literatura Comparada**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 19-24, 1994.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Coimbra: Edições 70, 2022.